

**Ilustrada C1**

# Mudança de hábito

Com homenagem a  
Hilda Hilst, Flip abre  
espaço a autores fora  
do cânone literário



A escritora Hilda Hilst, homenageada da Flip 2018, retratada nos anos 1960 José Luis Fuentes/Acervo IHH

# Nunca fui santa

Flip, que começa nesta quarta, homenageia Hilda Hilst e consolida tendência ao destacar autores de fora do cânone literário; debate sobre escritores excluídos opõe conservadores e revisionistas

## Maurício Meireles

**SÃO PAULO** Se a Flip fosse uma catedral, até há pouco tempo em seu altar estariam os santos mais famosos —dian- te dos quais os acólitos iam a cada ano ouvir a missa e pres- tar tributos.

Nos últimos anos, come- çaram a surgir santos popu- lares no altar —eles podem não ter a aprovação do clero, mas seus devotos juram que eles também fazem milagres.

A Flip, que começa nesta quarta-feira (25) com a homena- gem a Hilda Hilst, dá mais um passo numa mudança de perfil que se insinua nos últi- mos anos —em vez de cele- brar medalhões do cânone li- terário, a festa tem preferido nomes fora dele ou que são candidatos a compô-lo.

Nas últimas cinco edições, só em 2015, com Mário de An- drade, a festa elegeu um es- critor canônico. Nos demais anos, os homenageados fo- ram Millôr Fernandes (2014), Ana Cristina César (2016) e Li- ma Barreto (2017) —que é um clássico, mas compõe uma espécie de cânone marginal.

No caso deste último, que

não teve reconhecimento em vida, a Flip se dedicou a discuti- r especialmente os proces- sos que levam um autor como Lima a ser marginalizado — com recorde de autores ne- gros convidados.

“Acho que a Flip serve de temperatura e indicativo das discussões sobre o cânone que já ocorrem na universidade e que, com ela, chegam ao gran- de público. Ainda estudamos a história literária por livros escritos há mais de 50 anos, devemos pensar no que po- de ser reavaliado”, diz Jose- lia Aguiar, curadora do even- to pela segunda vez.

A discussão em torno de um cânone literário —se tal gru- po deve ser alargado, existir ou ser extinto— é uma das mais controversas da litera- tura da segunda metade do século 20 até hoje.

O leitor vai encontrar des- de defensores apaixonados da existência de tal categoria —o mais famoso é o america- no Harold Bloom, que grafa Cânone em maiúscula— até quem diga que ela é apenas um reflexo dos privilégios de homens brancos.

Neste segundo campo, em

um espectro cheio de mati- zes, está a crítica que propõe o revisionismo a partir da óti- ca dos estudos étnicos, pós- coloniais ou de gênero, en- tre outros.

Parece simples, mas o tema gera brigas inflamadas: re- visionistas acusam defensores do cânone de serem reacioná- rios, enquanto estes acusam uma degeneração da cultura literária em nome de um bom- bocismo político.

A própria homenagem de- ste ano, como mostra o le- vantamento no livro “Fortu- na Crítica de Hilda Hilst” (IEL/ Unicamp), recém-lançado, de- ve sua fama atual em boa par- te aos estudos de gênero.

No prefácio, o crítico literá- rio Alcir Pécora defende que Hilda passou a ser lida, nos anos 2000, porque os paradig- mas do modernismo paulista —com critérios de valor na- cional, vocabulário informal, perspectiva laica e temas so- ciais— foram questionados.

Há uma semelhança com Li- ma Barreto, que também ficou de fora do cânone do moder- nismo —sendo classificado por muito tempo como pré- modernista, ou seja, alguém que não tinha chegado lá.

“Me incomodava um pouco [o antigo perfil], porque pare- cia ranking do cânone”, diz Pau- lo Werneck, editor da revista li- terária 451 e curador da festa em 2015 e 2016, quando Millôr e Ana C. foram homenageados. “Não acho que a Flip canonize ninguém, mas ajuda a destacar a relevância de autores”.

Para Antonio Carlos Secchin, poeta, ensaísta e membro da ABL (Academia Brasileira de Letras) —instituição em geral ciosa da preservação de um câ- none—, acha que eventos co- mo a Flip servem para propor inclusões ou exclusões a essa lista. Mas critica quem vê o câ- none como algo careta.

“O lado lamentável de quan- do ele é criticado como reacioná- rio é o fato de que o câno- ne trata do passado que está vivo. São autores do passado, mas que são nossos contem- porâneos”, diz Secchin.

“Ana Cristina César e Hil- da Hilst não estão no cânone

porque estão muito próximas de nós [no tempo]. O canôni- co é o que estará vivo duas ou três gerações depois da mor- te do autor”.

Embora a linhagem metafí- sica da literatura brasileira — com a qual Hilda dialoga— te- nha tido pouca circulação no Brasil, o crítico acredita que a homenagem da Flip fazia um personagem vitimizado.

“Ela reclamava de uma omissão da crítica que não era tão verdadeira.”

## Flip terá Colson Whitehead e Liudmila Petruchévskaia

A Flip, que começa nesta qua- rta (25) e vai até domingo (29), terá sua abertura, às 20h, com Fernanda Montenegro e Jocy de Oliveira.

Entre os destaques da edi- ção, estão nomes como o america- no Colson Whitehead, au- tor de “The Underground Rail- road”, e a russa Liudmila Pe- truchévskaia, autora de “Era Uma Vez Uma Mulher que Tentou Matar o Bebê da Vi- zinha”.

O primeiro participa de uma mesa ao lado do escritor cari- oca Geovani Martins, reve- lado neste ano com o volume de contos “O Sol na Cabeça” (Companhia das Letras).

Já a russa falará, em uma mesa sozinha, sobre sua tra- jetória e a perseguição que sua obra sofreu sob o stalinismo.

Também participam o egip- cio André Aciman (“Me Cha- me pelo Seu Nome”) e a fran- co-marroquina Leila Slimani (“Canção de Ninar”), en- tre outros.

A partir desta quarta-feira (25), ingressos para os deba- tes ainda com vagas podem ser adquiridos na bilheteria da Flip, em Paraty, antes de cada mesa. Eles custam R\$ 55 (inteira), mas há um telão grá- tis do lado de fora do espaço principal. Quem ficar em ca- sa, pode acompanhar as mes- as ao vivo pelo canal da Flip no YouTube, no endereço you tube.com/flipfestaliteraria.

## Programação Casa Folha

### QUINTA (26)

9h30 (mesa 1)

### A Pátria Educadora em Colapso

Renato Janine Ribeiro

Mediação: Fernanda Mena

15h (mesa 2)

### Refugiados em um Mundo de Muros

Ana Lemos e Patrícia Campos Mello

Mediação: André Barcinski

18h (mesa 3)

### Mesa-mundi

Zeca Camargo

Mediação: Anna Virginia Balloussier

### SEXTA (27)

9h30 (mesa 4)

### Homenagem a Carlos Heitor Cony

Ruy Castro

Mediação: Sérgio Dávila

15h (mesa 5)

### Para Onde Vai a Economia Brasileira

Joel Pinheiro da Fonseca e Laura Carvalho

Mediação: Uirá Machado

18h (mesa 6)

### Do Lulismo em Crise às Eleições 2018

André Singer e Demétrio Magnoli

Mediação: Uirá Machado

### SÁBADO (28)

9h30 (mesa 7)

### Hello, Brasil: Uma Psicanálise do Povo Brasileiro

Contardo Calligaris

Mediação: Uirá Machado

15h (mesa 8)

### Homem-Objeto e Outras Coisas sobre Ser Mulher

Tati Bernardi

Mediação: Fernanda Mena

18h (mesa 9)

### Ausência de Sentido

Tiago Ferro e Monja Coen

Mediação: Fernanda Mena

### DOMINGO (29)

9h30 (mesa 10)

### Escravidão, Liberdade e Racismo

Alexandra Loras e Lília Moritz Schwarcz

Mediação: Patrícia Campos Mello

## Programação principal

### QUARTA (25)

20h - Sessão de abertura, com Fernanda Montenegro e Jocy de Oliveira

### QUINTA (26)

10h Gabriela Grieb e Vasco Pimentel  
12h Júlia de Carvalho Hansen, Laura Erber e Maria Teresa Horta  
15h30 Christopher de Hamel  
17h30 Djamilá Ribeiro e Selva Almada  
20h Sérgio Sant'Anna e Gustavo Pacheco

### SEXTA (27)

10h Lígia Ferreira e Ricardo Domeneck  
12h - Fabio Pusterla e Igiaba Scego  
15h30 Alain Mabanckou

17h30 André Aciman e Leila Slimani

20h Eliane Robert Moraes e Iara Jamra

### SÁBADO (28)

10h Jocy de Oliveira e Vasco Pimentel  
12h Simon Sebag Montefiore  
15h30 Isabela Figueiredo e Juliano Garcia Pessanha  
17h30 - Colson Whitehead e Geovani Martins  
20h Liudmila Petruchévskaia

### DOMINGO (29)

10h Franklin Carvalho e Thereza Maia  
12h Eder Chiodetto, Iara Jamra e Zeca Baleiro  
15h30 Livro de cabeceira